

## PALAVRAS DE ABERTURA

Dentro das comemorações do 150º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura, que se desenvolveram ao longo do ano de 1987, resolveu a sua Diretoria editar um número especial da “Convergência Lusíada”.

Com esta finalidade, solicitamos a diversos intelectuais e professores brasileiros e portugueses a sua colaboração, os quais, de forma muito cativante, atenderam ao pedido. Por isso, queremos deixar consignado o nosso reconhecimento a todos eles, pois interpretamos essa disponibilidade não só como prova de consideração e de estima pela Casa, como também um testemunho de apreço e de aplauso pelas linhas de rumo que vimos seguindo no sentido de difundir, em diversas frentes, a Cultura Portuguesa no Brasil e de trabalhar pelo intercâmbio e pelo conhecimento recíproco dos dois Países Irmãos.

Aproximamo-nos de um ciclo muito importante para arriscar projetos de grande alcance. Este não é tempo de ficarmos parados e contemplativos. Primeiro, porque até o final do século estaremos a comemorar os 500 anos dos principais Descobrimentos portugueses. O contorno do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias, a chegada de Vasco da Gama à Índia, o desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro – estas e outras efemérides irão suscitar celebrações e estudos, pesquisas históricas e encontros científicos, louvores e novas vertentes de análise, em torno da fantástica Epopeia de um povo que soube, com sua coragem, seu talento e sua energia, dar novos mundos ao mundo, cruzar experiências, fundir etnias, levar uma Civilização a todos os quadrantes e deixar ao longo da Diáspora, com as componentes de sua Cultura e de sua Fé, as evidências de seu universalismo e de seu gênio.

Angola e Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe,

Macau e Timor, Malaca e África do Sul, Japão e Terra Nova, Ceuta e Sri-Lanka, bem como tantas outras terras, próximas e distantes, terão motivos para reviver feitos portugueses, para evocar a sua presença e a sua passagem, para lembrar a sua Aventura. Mas ao Brasil cabe um papel maior. Em nenhum lugar do mundo se encontram tantas obras e legados, tantas razões e impulsos como aqui para comungar da retrospectiva do meio milênio sobre a proeza dos Navegadores que abriram espaços e mares para estender os domínios da Cristandade e as fronteiras de Portugal.

Os próximos anos serão, portanto, anos que teremos de fecundar com ações conjuntas e de enriquecer com propostas que sobressaíam por sua dimensão, por sua criatividade e por sua abrangência.

Dentro desta perspectiva, pensamos, acima de tudo, no envolvimento das escolas e das Universidades, dos Institutos Culturais e Históricos, das Academias e dos Centros de Estudo: e também da ampla rede de Associações Luso-Brasileiras voltadas, em todo o Brasil, desde Manaus ao Rio Grande, para a difusão dos valores e das matrizes lusíadas. A este Gabinete Português de Leitura, como a outras Instituições, por seus pergaminhos, serventia e prestígio, caberá nesse processo uma importante missão. E não podemos, nem queremos fugir dessa missão, na medida em que, para além das comemorações, o que está em causa é a própria amizade de dois Povos que falam a mesma Língua, que dividem os mesmos patrimônios, que construíram a quatro mãos o mesmo passado.

Depois, para dar resposta aos desafios, não se prescinde de um sentido permanente de modernização e de reforma. Não podemos ficar atidos à rotina: é preciso ter consciência de que as portas fechadas e as janelas corridas não deixam entrar o sol e o vento, o progresso e a claridade. Em outras épocas não nos faltou essa consciência: em 1880, quando a crise vergava Portugal, os portugueses do Brasil, aproveitando o ensejo do tri-centenário da morte de Camões, iniciaram uma reação contra o desalento e o pessimismo que roíam a alma da Pátria e decidiram construir, como símbolo dessa reação, o edifício-sede do Gabinete; em 1922, no centenário da Independência do Brasil, esses mesmos emigrantes tomaram a si o encargo de editar a monumental “História da Colonização Portuguesa”, dirigida por Carlos Malheiro Dias; em 1940, na “Festa dos Centenários”, outra vez os portugueses do Brasil apareceram com seu exemplo e através da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras doaram ao Governo o antigo Palácio do Almada; mais recentemente, em 1968, e noutro plano, para dinamizar a ação cultural desta Instituição, criou-se o seu “Centro de Estudos”, produto do desprendimento dos mantenedores da Fundação Infante D. Henrique e da visão desse admirável português da Diáspora que foi António Pedro Martins Rodrigues. Pressentindo que era necessário imprimir uma nova dinâmica ao Real Gabinete, a Diretoria

da época, presidida pelo Com. Antônio Saldanha de Vasconcelos, deu início a uma profunda mudança na vida da Instituição, que passou a promover ações permanentes fóra de seus parâmetros tradicionais.

Vale a pena fazer um pouco da história do aparecimento do “Centro de Estudos”, pois, na nossa maneira de ver, isso representou uma verdadeira “revolução” nos procedimentos e nos mecanismos institucionais – uma “revolução” voltada para o chamamento da juventude brasileira.

O “Centro” foi inaugurado no dia 16 de julho de 1969 com o curso do Professor Robert C. Smith, da Universidade da Pensilvânia, sobre “A arte portuguesa do século XVIII”, desdobrado em 7 lições: “A arte portuguesa de Setecentos”; “A talha em Portugal durante o século XVIII”; “Cinco grandes obras de D. João V na Arquitetura”; “Nicolau Nasoni, arquiteto do Porto”; “André Soares, Amador bracarense”; “Frei José de Santo Antônio Vilaça, Aleijadinho do Minho” e “O móvel português do século XVIII.”

O Curso seguinte foi ministrado pelo Dr. Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto, sobre “A novíssima Literatura Portuguesa”; depois vieram outros – “Os meios áudio-visuais da Educação”; “Aspectos da História de Portugal”, “Raízes e Atualidades do Brasil”, “Educação, Moral e Civismo”, etc.

A iniciativa estava inteiramente vitoriosa e o interesse de estudantes, professores, intelectuais e universitários estava patente no grande número de participantes dos cursos realizados. Valeu a pena. A partir de 1970, com Antônio Pedro Martins Rodrigues na presidência do Real Gabinete e com Francisco da Gama Lima, como Secretário-Geral do “Centro de Estudos”, tivemos oportunidade de participar desse trabalho, que representou, em termos de modernização, uma fase muito positiva da Entidade. E isso devemos-lo, acima de tudo, ao conhecimento e à experiência de um Homem que não juntou fortuna pessoal no Brasil, que ligou mais aos Livros do que ao dinheiro e que deixou no historial do Gabinete o traço da sua competência e o sinete de sua generosidade. A ele e a Gama Lima devemos a vibração e o ritmo que através de cursos e de seminários passaram a enriquecer as atividades da Instituição.

Valha este breve registro também como testemunho da gratidão a esses dois Amigos que por suas idéias e por seu trabalho souberam, como poucos, dignificar a nossa comunidade.

Assim como a criação e a manutenção do “Centro de Estudos” vieram potencializar os acervos da Biblioteca, atraír jovens estudantes e mestres eruditos, tornar mais conhecida a Instituição, também amanhã teremos, quem sabe? de partir para novos projetos, desde a informatização bibliográfica às ligações por computador, no sistema “on line”, com outras Bibliotecas, ou desde as reformas estruturais, adicionando-se patrimônios e salvaguardando-se futuros, à evolução curricular de atividades pós-universitárias.

Tudo isto, em resumo, é para dizer o seguinte: nos próximos anos haverá muitos desafios a enfrentar, uma obra a desenvolver, um programa a cumprir. Olhando para o Passado, damos-nos conta de que se fez muito; perspectivando o Futuro, dá-nos vontade de fazer mais. É por aí a rota: navegar é preciso.

A. Gomes da Costa